

**DO SOFRIMENTO À CURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
SOBRE O FÁRMACO A SAÚDE DA MULHER⁴⁹**

Elaine Moraes da Silva Lourenço (UERJ)
nanilourenco_22@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os sentidos vinculados à mulher nos discursos dos almanaques de farmácia editados nas três primeiras décadas do século XX. O período é marcado pelo início da industrialização no Brasil, de variados produtos, entre eles o “remédio”. Os referidos almanaques, além de divulgarem os produtos farmacêuticos dos laboratórios, veiculam ideais de saúde, de felicidade, de força e de beleza atrelados aos fármacos. Para isso, desenvolvemos análises na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa (AD), a fim de apreender as imagens discursivas do corpo da mulher nos almanaques de farmácia, analisando a proximidade entre o discurso de divulgação científica e o discurso publicitário. As sequências analisadas revelam que os discursos promovidos nos almanaques são construídos pela tentativa de se criar o ciclo sofrimento – fármaco – cura. Dessa forma, considera-se o fármaco como a cura para os males femininos causados pelas irregularidades uterinas, indicando-o como cura de algo que não pode ser combatido naturalmente.

Palavras-chave:

Análise de discurso. Almanaque de farmácia. Memória discursiva.

ABSTRACT

The present article seeks to reflect on the meaning linked to woman on the discourse of pharmacy almanacs edited in the first three decades of 20th century. That period is marked by the beginning of industrialization in Brazil, of several products, among them the “medicine”. These almanacs, in addition to publicizing pharmaceutical products from laboratories, convey ideals of health, happiness, strength and beauty linked to the medicine. For this, we developed analyses of French Line Discourse Analysis (DA), in order to understand discourses images of woman’s body in pharmacy almanacs, analyzing the proximity between the discourse of scientific dissemination and the advertising discourse. The discourses analyzed reveal the all the discourse promoted in almanacs are attempts to convince that science overrides nature, indicating the medicine as cure for something that cannot be fought naturally, considering it as the cure for female illnesses caused by uterine irregularities.

Keywords:

Discourse analysis. Pharmacy almanacs. Memory discursive.

⁴⁹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

1. Considerações iniciais

“Cada pontada, cada murmúrio de ligeira dor, ondulações sucessivas de matéria na época de muda periódica, inchaços e diminuições de tecido, as secreções viscosas da carne, (...) esses são os sinais. A cada mês fico vigilante à espera de sangue, pois quando ele vem significa fracasso.” (Margaret Atwood)

O presente artigo tem como objetivo compreender os modos de legitimação do fármaco em algumas edições do almanaque *A Saúde da Mulher*. Analisaremos, principalmente, certa discursividade apresentada a partir da promoção do tônico regulador, veiculado especificamente para a mulher da época em que esses almanaques circulavam, asseverando a utilização do medicamento como forma de cura. Este trabalho parte do levantamento das condições históricas de produção desses discursos, além de mobilizar os conceitos da Análise de Discurso da linha francesa, conforme expõem Pêcheux (1969) e Orlandi (1986).

As primeiras décadas do século XX são marcadas por transformações científicas, tecnológico-industriais e sanitárias. Com base neste cenário, identificamos que havia uma distribuição gratuita à população de almanaques de farmácia, pequenos livros de edição anual produzidos por laboratórios farmacêuticos. Esses almanaques objetivavam apresentar, além da publicidade de produtos de ordem médica, outras variedades destinadas aos seus leitores. Com conteúdo de fácil leitura e ilustrações, os almanaques objetivavam, além da informação, o entretenimento. Esses almanaques ganharam destaque, principalmente, nas primeiras décadas do século XX.

A ligação entre as indústrias farmacêuticas, que fabricavam os almanaques, e o governo era a saúde, já que para as autoridades, os corpos precisavam ser fortes e saudáveis, com o intuito de servirem como mão de obra para ajudar no progresso do país. Assim, os laboratórios começaram a criar e divulgar tônicos fortificantes e outros produtos que visavam melhorar o condicionamento físico e o funcionamento desses corpos, surgindo assim a ideia de que um corpo doente não serviria para trabalhar, pois era improdutivo. Como eram direcionados a pessoas de baixo poder aquisitivo, esses almanaques funcionavam como possíveis mecanismos de informação médica, além de mecanismos de mudança utilizados por médicos, sanitários, entre outros grupos, para que assim

fosse possível constituir uma nação saudável e laboriosa rumo ao progresso.

Na grande maioria dos almanaques, figurava a presença da mulher como peça de publicidade. Um deles, *Almanach d'a Saúde da Mulher*, produzido pela editora *Daudt Oliveira & CIA*, era endereçado às mulheres da época e divulgava, principalmente, o fármaco de mesmo nome. Tal produto prometia acabar com as irregularidades uterinas das mulheres, causadas pela menstruação, regulando o funcionamento de seus úteros e ovários. Através desses discursos, os almanaques visavam regular o comportamento das mulheres da época, atuando como instrumento de medicalização dos corpos femininos. É possível verificar os esforços em educar e disciplinar não somente os corpos das leitoras, bem como suas mentes, convocando-as ao posto de cuidadoras da saúde de sua família. Essa tarefa exigia que elas cuidassem, antes de tudo, de suas irregularidades uterinas, e tais artifícios contribuíram para o processo de medicalização das mulheres.

A mulher passa a ser medicalizada por esse fármaco com o intuito de torná-la forte, saudável. Com isso, ela tornar-se-ia capacitada a cuidar do lar e de sua família, de modo a restaurar a paz em seu lar, perdida pelo descontrole causado pelas irregularidades uterinas. Por meio das páginas do almanaque, uma materialidade discursiva, verificamos que uma das formas discursivas de suscitar a venda dos medicamentos, no caso, especialmente o fármaco *A Saúde da Mulher*, era a utilização do discurso do sofrimento como a sustentação da indicação do medicamento para a cura dos males. Para isso, organizamos o *corpus* de superficializado a partir de três blocos temáticos: o sofrimento, a indicação do fármaco como solução e a cura. A partir desses blocos, analisaremos os efeitos de sentido produzidos pelo discurso construído em alguns exemplares do almanaque. Além disso, também analisaremos como esses corpos são construídos e quais sentidos os atravessam.

2. Alguns pressupostos da Análise de Discurso

A Análise de Discurso materialista (doravante AD), referencial teórico deste trabalho, nasce na década de 1960, e visa articular três campos do conhecimento, conforme explicitado por Pêcheux e Fuchs (1975):

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida a partir da teoria das ideologias;

2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;

3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 163-4)

Esses campos se atravessam através da teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 164), assim como sua articulação se dá na forma de questionamentos. Dessa maneira, a AD se configura como uma disciplina de entremeio, de um fazer a partir da interlocução com outras posições de saber, na qual se refere a espaços habitados simultaneamente (ORLANDI, 2002) e representa um novo espaço teórico no qual se agrupam história, língua e ideologia. Significa dizer, segundo exposto por Orlandi (1986), que a Análise de Discurso instaura um problema, a saber:

a. interno, para a Linguística, pois a intervenção da AD na Linguística consiste, antes de tudo, em abrir campos de questões, a dar trabalho à Linguística em seu próprio domínio. E faz isso pondo em relação os objetos da Linguística com um outro domínio científico, *a ciência das formações sociais*; b. externo, para as Ciências Humanas, porque a AD é uma resposta a questões colocadas para a Linguística, conquanto esta se constituiu em ciência piloto das ciências humanas. A Linguística, dessa forma, ao ser exigida fora de seus domínios, encontra essas questões no interior de seu domínio. (ORLANDI, 1986, p. 106)

Em linhas gerais, a proposta da Análise de Discurso se volta para a análise da discursividade, entendida como um conjunto de mecanismos que trazem à tona um objeto a ser analisado. Essa discursividade é, portanto, definida pela AD como lugar de textualização das posições político-ideológicas ocupadas pelos sujeitos historicamente determinados. A noção de história, que aqui tomamos, não é, entretanto, convencional, mas sim traçada como um processo social que abre espaço para diferentes discursos. Foucault, ao traçar esse conceito de história, reflete então o discurso como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1960, p. 135). Essas formações discursivas que constroem sentidos no interior das fronteiras (MAINGUENEAU, 2015) e que mobilizam elementos externos a elas. Nesse sentido, o trabalho da interpretação não se pauta pela questão “o que isso quer dizer?”, mas sim pela descrição do “como isso significa?”, para cada sujeito inscrito em diferentes posições discursivas, historicamente determinadas. Significa dizer também que toda palavra é sempre parte de um discurso e que todo discurso se delinea na relação com outros discursos produzidos antes e alhures.

Esses discursos, segundo Orlandi (2015, p. 20), são “as relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí, a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. Sobre discurso, a autora completa: “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (*Id. ibid.*). Para a Análise de Discurso, portanto, são imprescindíveis as condições de produção para a compreensão dos efeitos de sentidos produzidos. Essas condições, definidas por Pêcheux como as “determinações que caracterizam um processo discursivo” (1975, p. 182), são estabelecidas pela língua com a sua exterioridade histórica, que é sempre constitutiva.

Essas condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. Esse indivíduo interpelado em sujeito, ao falar, pensa que é a origem do dizer, a fonte do discurso. Entretanto, segundo descrito por Pêcheux (2014, p. 161-2), o sujeito-falante não está no exterior da formação discursiva dominante. Dessa forma, o sujeito-falante, seleciona formas e sequências que se encontram no interior da formação discursiva que o domina. Um sujeito que não é unidade empírica, mas sim um sujeito como efeito, que é percebido por condições de produção que correspondem às condições sócio-históricas. Assim, sempre há um já-dito sustentando a possibilidade do dizer, ou melhor, há um interdiscurso, um “exterior específico de um processo determinado” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 239). Isso significa dizer que

[...] o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague da memória para que, passando do “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2015, p. 31-2)

Além disso, para a Análise de Discurso, a historicidade é entendida como a relação constitutiva entre linguagem e história, ou seja, a maneira como a história se inscreve no discurso. Segundo Orlandi (1986, p. 111), a Análise de Discurso “visa o caráter material do sentido, sua historicidade”. Quanto ao sujeito, a relação mundo e linguagem não é transparente e deve ser pensada através de seu processo histórico-social de constituição, portanto:

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto, mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação

não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito. (ORLANDI, 2015, p. 66)

Logo, esse sujeito constitui o discurso a partir de uma determinada condição de produção, que deriva a formação discursiva existente no interior de certa relação de classe (PÊCHEUX; FUCHS, 1975). Essa posição de classe, designada por Althusser (1985) como Aparelho Ideológico do Estado, reflete a existência de realidades complexas, que “se caracterizam pelo fato de colocarem em jogo práticas associadas a lugares ou a relações de lugares que remetem às relações de classe sem, no entanto, decalcá-las exatamente” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 166). Volta-se então, à noção de ideologia, que para Althusser está essencialmente associada à noção de sujeito, já que, segundo o autor, “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (1985, p. 93).

A ideologia no discurso se dá a partir da interpelação do sujeito, fazendo com que ele ocupe determinado lugar na esfera social, que é projetado no discurso. Dessa forma, os sujeitos são interpelados pela ideologia (PÊCHEUX; FUCHS, 1975), pois a relação entre linguagem e realidade não é direta, mas marcada por fatores de ordem ideológica, ou seja, de naturalização de sentidos. Não existe, portanto, sujeito sem ideologia, pois para se constituir como sujeito é necessário ser interpelado e constituído por ela. Assim, segundo afirma Orlandi (2015), a ideologia

[...] é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação. Não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem. São ordens diferentes, a do mundo e a da linguagem. Incompatíveis em suas naturezas próprias. A possibilidade mesma dessa relação se faz pela ideologia. (ORLANDI, 1994, p. 56)

Feita a apresentação das principais noções teóricas que estribamos princípios teóricos da AD, passamos para a noção de corpo sob a perspectiva teórica da Análise de discurso.

3. O recorte dos almanaques

Falar sobre o corpo na perspectiva discursiva significa entendê-lo como unidade de discurso e, portanto, como lugar de discursividade, na qual se inscreve a ideologia e onde se materializam os sentidos. Partimos do princípio de que o corpo, como elemento de discurso, é superfície de inscrição ideológica, já que, como exposto por Orlandi (2015, p. 43), “o fato de que não sentido sem interpretação atesta a presença da ideologia.”. No corpo, inscrevem-se sentidos que antes se constituem na história e,

por isso, fazem com ele possa se deslocar da sua simples constituição física para se constituir como corpo-ideológico. Assim, analisaremos o corpo feminino e os seus modos de significação nos almanaques *A Saúde da Mulher* também a partir de como a ideologia nele se inscreve.

Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, resgata alguns conceitos sobre a menstruação. A autora cita a definição de “maldição” (1970, p. 48) dada pelos anglo-saxões, além da crença de que o sangue que escorria da mulher era destinado a construir a carne e o sangue da criança durante a fecundação (*Id.*, *ibid.*). Também cita a diferença entre o ciclo menstrual de outros mamíferos, que ocorre apenas em uma estação, e o das mulheres, que ocorre mensalmente entre dores e sangue (*Id.*, *ibid.*). A autora ainda completa:

Quase todas as mulheres – mais de 85% - apresentam perturbações durante esse período. [...] A mulher torna-se mais emotiva, mais nervosa, mais irritável que de costume e pode apresentar perturbações psíquicas graves. É nesse período que ela sente mais penosamente seu corpo como uma coisa opaca alienada; esse corpo é presa de uma vida obstinada e alheia que cada mês faz e desfaz dentro dele (*sic*) um berço [...]. (BEAUVOIR, 1970, p. 49)

Assim, nota-se que a mulher sofre a cada mês com a chegada de seu ciclo menstrual. Pensando nesse nicho e buscando regular esse corpo feminino através da convocação dessas mulheres a cuidarem da sua saúde e de seus corpos – principalmente de seus órgãos reprodutivos – em benefício da família, o almanaque de farmácia *A Saúde da Mulher* passou a veicular a propaganda do fármaco de mesmo nome, que prometia a cura dos males femininos causados pela menstruação. Analisaremos, portanto, como esses almanaques constroem esse discurso de modo a levar a mulher que os lê a consumir o produto indicado para acabar com os problemas uterinos.

Para isso, recortamos o *corpus* empírico dos almanaques de farmácia *A Saúde da Mulher* produzidos nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente os dos anos de 1938, 1940 e 1941. Em seguida, o *corpus* discursivo, já recortado, foi constituído de seis sequências discursivas⁵⁰ (SDs) divididas em três blocos: sofrimento, indicação do fármaco como solução e cura dos males. Tais blocos trazem, em suas sequências

⁵⁰ Informamos, ainda, que as sequências analisadas estão em formato itálico para facilitar a visualização, e que estas não se encontram neste formato no texto original. Os sublinhados referem-se aos destaques que marcamos em cada SD.

discursivas, os itens lexicais: sofrimento, sacrifício, desequilíbrio, irregularidades, cura ou qualquer outro que apontasse para o mesmo campo semântico. Para refletirmos sobre essas questões, tomaremos alguns exemplos que indicam regularidades sobre essa construção do feminino pelos almanaques. O padrão do corpo é indissociável do padrão de saúde imputado às mulheres da época, portanto, o corpo como discurso indica sentidos de doente, trazendo marcas de historicidade e de condições de produção que constituem a mulher do período.

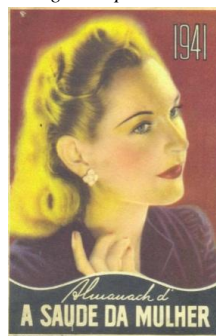
Fig. 1: capa 1938.



Fig. 2: capa 1940.



Fig. 3: capa 1941.



3.1. Do sofrimento

Neste bloco temático, recortamos sequências discursivas que retomavam a memória de que o corpo feminino sofre com irregularidades uterinas e que isso afeta diretamente em sua vida e na de sua família. Assim, analisaremos o objeto discursivo, “entendido como o resultado de uma transformação da superfície linguística de um discurso concreto” (PÊCHEUX; FUCHS, 1969, p. 180), a partir de uma determinada formação discursiva sobre o corpo e a saúde da mulher.

SD1: “*Há certos dias do mez que são aguardados com pavor pelas Senhoras que soffrem de irregularidades uterinas: para essas, são dias de dores atrozes, perdidos para a vida [...]*” (Almanaque d’a Saúde da Mulher, 1941, p. 29).

Verificamos que a formulação “Há certos dias do mez que são aguardados com *pavor* pelas Senhoras que *soffrem de irregularidades* uterinas” faz emergir uma asserção, um construto social prévio e indepen-

dente. Assim, o sofrimento da mulher é atrelado ao seu estado físico, às suas irregularidades, causadas pelo seu útero. Chama atenção o uso do vocábulo “irregularidades”, atrelado a uma determinada condição de produção em que o sujeito se insere e a situação concreta historicamente determinada. Atualmente, o vocábulo “irregularidades”, não mais utilizado, se relaciona com os sintomas que algumas mulheres podem sentir durante o seu ciclo menstrual. Esses sintomas, que se caracterizam por serem físicos e/ou psicológicos, acometem algumas mulheres e são causados por alterações hormonais ocorridas nesse período. Tal condição pode afetar diretamente na vida familiar e social da mulher. Assim, o uso de vocábulo demonstra no discurso produzido que o ciclo menstrual da mulher é algo desarmônico e, conseqüentemente, traz malefícios.

Além disso, o uso dos vocábulos “pavor” e “sofrem” demonstra certa subordinação das irregularidades do corpo feminino a uma condição biológica irreparável. Esses vocábulos são ligados a uma ideia negativa e, com isso, seus sentidos depreendem que essas mulheres perdem dias de suas vidas com esse sofrimento. A partir dessas formações discursivas, “que determinam o que pode e o que deve ser dito” (PÊCHEUX; FUCHS, 1969, p. 166), os almanaques utilizam os vocábulos em uma tentativa de condicionar o sofrimento ao ciclo menstrual. Dessa forma, a formação ideológica desempenhada por esses vocábulos remete a um discurso de sofrimento cuja solução não é encontrada na natureza. Assim, a construção dessa mulher nos almanaques pode ser vista como um objeto construído a partir de um ponto de vista da indústria farmacêutica. É o que considera Foucault (1999) como produção de sujeito através do poder de disciplinar esses corpos.

SD2: *“A vida assim é um horror! Sogra, mulher e filha o dia inteiro a me encherem os ouvidos de lamentações! Só a tiro! Não haverá um meio de distrair e fazer com que me deixem em paz? [...]”* (Almanaque d’a Saúde da Mulher, 1938, p. 16).

Por meio do trecho “A vida assim é um horror!”, percebe-se que a mulher, além de sofrer com as irregularidades de seu corpo, provoca o sofrimento do homem, que, aparentemente, não possui qualquer outra forma de aborrecimento que não seja os que são causados pelos transtornos femininos. O esposo que, neste caso, está em posição de sujeito reclamante e legitimador do discurso, é colocado como sofredor das irregularidades das mulheres com as quais convive. Tal condição pode ser verificada através dos vocábulos “horror” e “me deixem em paz”, que atrelam o estado físico da mulher à condição de vida do homem, que sofre

com os males causados pelas consequências das irregularidades femininas. Tais sintomas interferem não somente na rotina familiar, mas também em sua vida conjugal. Essa condição é notada através da enunciação de adjetivos negativos, como o uso de “horror”, fazendo referência à vida que o homem leva ao lado destas mulheres cujas irregularidades são constantes. Tal referência, atrelada às condições de produção da época de que a menstruação era algo que propiciava sofrimentos diretamente aos homens, faz com que este homem sofra devido aos problemas causados pelas mulheres da sua família. Percebe-se que o discurso masculino denota uma determinada formação discursiva de que todas as mulheres de sua estão condicionadas a sofrer com essas irregularidades, desde a mais nova até a mais velha.

Outra sequência discursiva que pode ser analisada no recorte é “me deixem em paz”, que denota a insatisfação do homem em relação aos transtornos causados pelas irregularidades femininas, o que o põe em posição de sujeito sofredor, detentor do discurso do sofrimento neste momento. Christine de Pizan, em seu livro *Cidade das Damas* (2006), afirma, através da voz da Dama Razão, que é atribuída à mulher a culpa de todos os males do homem, de modo a tornar essa mulher a responsável por manter o casamento e o seu lar agradáveis ao seu marido. Cabe aqui fazer referência ao que diz Pizan:

Quanto à diatriba contra o casamento – que, no entanto, é um estado digno, santo e de acordo com as leis de Deus –, a experiência demonstra claramente que a verdade é completamente o contrário do que o afirmam, procurando atribuir à mulher todos os males. (PIZAN; CALADO, 2006, p.122-3)

Logo, nota-se que, nesta sequência discursiva, os problemas masculinos são causados em decorrência dos distúrbios femininos. Assim, para que o homem tenha novamente uma vida plena e livre de aborrecimentos, a mulher deve fazer algo para combater tais problemas. Dessa forma, esse homem culpabiliza as mulheres de sua casa em todas as esferas de relação, desde a sogra até a filha, determinando que essa condição da mulher seja hereditária. Como afirmam Baalbaki e Caldas:

Por um lado, a naturalização da degenerescência da saúde da mulher (sempre responsabilizada pela saúde de sua família) e, por outro, a determinação hereditária de saúde condicionada a um fármaco fazem funcionar um discurso dos princípios regeneradores capazes de solucionar todas as mazelas do corpo e impedir que as mesmas sejam passadas para os filhos. (BAALBAKI; CALDAS, 2018, p. 145)

Significa dizer que esse homem, que é inserido nessa posição-

sujeito do/no discurso, produz efeitos de sentidos que levam à construção dessas mulheres como culpadas de nascerem em um corpo feminino e serem responsáveis pelos problemas desse homem.

SD3: “*Não há necessidade, minha Senhora, de cada mez ter sete dias de sua vida subtraídos ás suas actividades e ás suas alegrias. A sua felicidade não exige sacrifício mensal de uma semana de sofrimento.*” (*Almanaque d’a Saúde da Mulher*, 1938, p. 9).

A sequência recortada denota, em seus vocábulos, a exemplo do trecho “sete dias de sua vida subtraídos de suas atividades e suas alegrias”, que a vida da mulher que sofre das irregularidades uterinas é uma vida de sacrifícios. Assim, a mulher se subverte aos anseios e transtornos causados por essas irregularidades. Tal assertiva é percebida através do adjetivo “subtraídos”, que aponta para o sacrifício pelo qual a mulher se submete em consequência das irregularidades causadas pela menstruação. Essas irregularidades eram vistas então como fonte de transtorno, de angústia e de sofrimento na época até os dias atuais.

Nessa sequência, observamos que há uma historicidade construída sobre a mulher que menstrua como aquela que é sacrificada pelo seu corpo e, por isso, todo mês fica incapacitada de suas atividades, sofre e degrada a sua saúde. A menstruação é colocada como algo que fazia mal à mulher, que era maléfico para a sua saúde e a de sua família, causando transtornos a ela e a todos que a cercavam. Dessa maneira, a imagem de mulher é construída por meio desse discurso do sofrimento, do sacrifício que a mulher passa todos os meses devido às irregularidades uterinas. Dessa forma, a mulher era ligada à imagem da doença e da debilidade em muitas das suas representações discursivas, e o uso do medicamento deveria funcionar sob a ótica da normatização de seu corpo.

3.2. Do fármaco

Em relação à discursividade da indicação do fármaco como solução dos problemas, recortamos sequências discursivas que retomavam a memória de que o corpo feminino necessita de um regulador para controlá-lo.

SD4: “*Para regularizar as funções ovarianas, nada adiantam aplicações quentes ou lavagens. O remédio eficaz é A Saúde da Mulher.*” (*Almanaque d’a Saúde da Mulher*, 1940, p. 9).

Na sequência discursiva recortada, percebe-se a intenção da indução ao fármaco através da regulação dos problemas uterinos da mulher com o uso do tônico. O uso do adjetivo “eficaz” mostra a promoção do medicamento através de assertivas que denotam a eficácia do produto e, por conseguinte, a cura dos males femininos. O remédio era projetado nos almanaques como um regulador capaz de promover a cura de todos os males causados pelas irregularidades femininas, algo que era considerado como imprevidência da natureza. Assim, essa imprevidência era resolvida pela ciência através do fármaco, que era divulgado nos almanaques *A Saúde da Mulher* como o grande solucionador dos males femininos. Às mulheres da época era construído um discurso de que só havia felicidade, prazer e plenitude nos períodos em que ela não menstruava, algo que era considerado defeito da natureza. Dessa maneira, através da memória discursiva de que a menstruação era considerada algo ruim, os almanaques construíam um discurso de sofrimento acerca dessa concepção de doença, para que houvesse a divulgação e a venda do fármaco e, assim, a resolução dos problemas femininos.

Lacan (2005) propõe que o objeto do desejo seja tomado de três formas: no Real, no Simbólico e no Imaginário. O corpo simbólico, segundo o conceito de Lacan (2005), seria o corpo que suscita desejo com o ao desenvolvimento de um sujeito. Verifica-se, portanto, que o almanaque vendia um corpo simbólico e não um produto – pressupondo a discurso, que se forma a partir de redes de significantes, que criam um campo simbólico conveniente inscrição de determinados sujeitos. Assim, a mulher não podia ter problemas uterinos, pois era considerado símbolo de doença e de transtorno para a sua família.

Em seu livro “As formas do silêncio”, Orlandi explicita que “o silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas.” (ORLANDI, 2007, p. 32). Isso significa dizer que, no caso do regulador oferecido nos almanaques *A Saúde da Mulher*, é perceptível apenas os benefícios trazidos por este fármaco. Dessa maneira, as formulações presentes nos almanaques demonstram somente os benefícios deste remédio, silenciando um importante discurso que não é verificado nos almanaques. As possíveis reações adversas deste produto não são mencionadas, somente suas qualidades são ressaltadas. O regulador é “vendido” dentro dos almanaques como um produto revolucionário, milagroso, porém, não se nota qualquer indicação sobre possíveis reações do organismo feminino ao produto em ca-

so de uso.

3.3. Da cura dos males

Neste bloco, selecionamos sequências discursivas relacionando o fármaco à cura de todas as irregularidades uterinas que acometem as mulheres.

SD5: “A senhora é *doente* porque quer! O seu caso é *curado* *promptamente* com A Saúde da Mulher, o grande remédio das senhoras, experimente sem demora!” (*Almanaque d’a Saúde da Mulher*, 1938, p. 16)

Observa-se, na sequência recortada, o uso da palavra “doente” para reforçar a ideia de que a mulher da época era debilitada devido às suas irregularidades, e tal condição é explicitada como uma escolha da mulher, ou seja, permanecer doente ou não era uma opção que ela tinha, já que havia um produto capaz de eliminar essa doença, causada por suas irregularidades menstruais. Além disso, nota-se o uso da palavra “cura” para explicitar os benefícios do regulador exposto nos almanaques veiculados à época. Percebemos então a promoção do fármaco, colocando-o em posição de solucionador de todos os males femininos e, por conseguinte, dos males de sua família. O verbo, aliado ao advérbio “promptamente”, define a eficácia do produto, demonstrando o quanto ele é importante para que a mulher se livre de seus transtornos uterinos, consequência das imprevidências da natureza. Dessa forma, percebe-se, através dos recortes retirados dos almanaques, que a imagem da mulher é construída por meio do trabalho de atualização de uma memória discursiva que define a mulher que menstrua como doente, por meio de um discurso de sofrimento, necessitando, assim, de um remédio que regularize os seus problemas e lhe traga a alegria de viver. Assim, o regulador *A Saúde da Mulher* é promovido dentro dos almanaques como este grande curador dos males femininos, finalizando este ciclo mulher doente – regulador – cura. Desta forma, a imagem do fármaco anunciado nos almanaques é projetada como fonte de salvação para estes problemas.

Segundo Simone de Beauvoir, “o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos.” (1970, p. 54). No entanto, esse corpo feminino dos almanaques é um corpo que deve ser medicalizado e disciplinado para que funcione de maneira correta e como exige a sociedade da época. A partir dessa disci-

plinarização, o sujeito se submete ao controle do corpo e, em consequência, ao controle dos sujeitos, fazendo com que o corpo entre na normalidade exigida. Assim, segundo as palavras de Foucault (1999), o controle do corpo

[...] implica uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais do que sobre seu resultado e se exerce sobre uma codificação que esquadrinha, ao máximo, o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem um controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças, e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade são o que podemos chamar as “disciplinas”. (FOUCAULT, 1999, p. 109)

A disciplinarização, portanto, acarreta na tutela desse corpo, tornando-o adequado aos padrões exigidos na época, através da tentativa de homogeneizar esses corpos, tornando-os padronizados.

SD6: “No seu uso, está asseguradaa saúde perfeita das senhoras, o que equivale dizer: a felicidade de toda a família.”(Almanaque d’a Saúde da Mulher, 1938, p. 27).

Analizamos, nessa sequência, a felicidade de toda a família condicionada à cura das irregularidades femininas. Dessa forma, o fármaco é retratado como o provedor dessa felicidade e somente a partir do seu uso é que as mulheres poderão ter uma saúde perfeita e felicidade. Por meio do uso do vocábulo “assegurada”, percebemos a construção da eficácia garantida do medicamento, propagando, dessa maneira, que o tônico é, de fato, a cura desses males. Dessa forma, o almanaque exerce um papel de destaque na produção de saberes sobre a saúde das mulheres, sendo utilizado como fonte de higienização desses corpos.

Além disso, nota-se a condição de responsabilidade da mulher como detentora da felicidade de toda a sua família. Percebe-se uma relação de dependência dessa mulher em relação a sua vida doméstica, e essa dependência não permite que ela possa emergir em uma esfera pública, por exemplo. A ela resta apenas a esfera doméstica do casamento e da família, limitando-a, idealizando-a como principal fonte de felicidade. Assim, depreendemos que essa enunciação cria lugares de invisibilidade, de silenciamento, já que não é possível dizer sobre tudo em qualquer condição. Esse silenciamento, segundo Orlandi, se configura como “processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’” (2007, p. 12). Significa dizer que há um apagamento do papel do homem no bem estar da família, sendo condicionado

esse papel apenas à mulher. O corpo da mulher é então tomado como um corpo aprisionado nessa condição de mãe e de esposa. É, portanto, um corpo que não se constitui como essencial, mas sim um corpo para alguma coisa – para o marido, para os filhos e para a família.

Assim, no intercâmbio entre essas duas condições – felicidade e saúde – o corpo entra nessa enunciação. De um lado, o uso do fármaco para assegurar a saúde perfeita, do outro, a felicidade proveniente dessa cura, ambos atuando no discurso que assenta uma determinada posição discursiva. A felicidade de toda a família é, portanto, condicionada a essa cura, e essa historicidade dessas enunciações não se dá em uma linha reta, mas sim em uma relação de força dos sentidos em que somente o fármaco *A Saúde da Mulher* pode trazer essa saúde perfeita e, consequentemente, a felicidade da mulher e de sua família.

4. Considerações finais

Como observamos a partir das materialidades analisadas, a construção do feminino nos almanaques passa pela docilização desses corpos femininos e também pela naturalização de lugares pela ideologia, como a casa, a família, ou seja, a esfera doméstica. A ideia de que a mulher deve cuidar da saúde de seu corpo, controlando suas irregularidades uterinas, mostra a construção ideológica de que o destino da mulher é cuidar de si mesma para poder cuidar do seu lar e da sua família. Percebemos, então, que os sentidos sobre o corpo da mulher a colocam em uma determinada posição discursiva. O corpo da mãe, da esposa, os lugares por onde esse corpo transita, tudo isso implica no corpo como materialidade significativa (ORLANDI, 2012) e isso significa dizer que ele não possui apenas uma dimensão física, mas é considerado um corpo simbólico que produz significação pela relação entre o sujeito, a língua e a história. Essa relação passa pelo funcionamento da ideologia como uma prática que determina os sentidos. Nesse caso, pensamos em como essas evidências são reproduzidas nos discursos dos almanaques e essa discursivização do corpo atravessada pela ideologia admite que “o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado” (ORLANDI, 2012, p. 87).

Dessa forma, os almanaques colocavam a mulher como as grandes consumidoras de seu fármaco. Tais textos inscreviam a mulher como “a frágil”, “a debilitada”, “a doente” e “a sofrida”, devido às irregularidades provocadas pelo seu útero. Os almanaques de farmácia, na forma

de enunciar para as mulheres, produziam um efeito de convencimento às mulheres, desde as moças até as idosas, pois naqueles anos era obrigação de todas as mulheres cuidarem de seus corpos e, conseqüentemente, de estarem aptas a cuidarem de suas famílias e até mesmo de ampliá-las através da gestação, afinal, a mulher necessitava apenas ficar em casa, sendo vigiada, tutelada, assim como Offred e as aias do romance distópico de Margaret Atwood, perdendo, assim, a independência e o controle do seu corpo. A publicidade funcionava como um modo de vender sonhos e esperança para a mulher que buscava cura do mal do seu corpo ou até mesmo o rejuvenescimento e a beleza “perfeita” através do uso do fármaco, que promovia a cura dos males femininos. O fármaco destinado diretamente a elas continha promessas de regular seu organismo, curar os males causados pelas irregularidades menstruais, juventude eterna ou beleza evidente. Em outros casos, esse produto estava ligado à família, a exemplo do esposo, que só tinha sofrimento devido aos transtornos que as irregularidades de sua mulher causavam à vida familiar.

Partimos, portanto, da ideia de que esses almanaques destinados ao público feminino funcionavam como uma tentativa de homogeneização dessas mulheres, a fim de tutelar seus corpos através da obediência a padrões considerados ideais para a época. A constituição desse sujeito mulher percebe-se através do funcionamento da ideologia e na docilização de seu corpo, pois segundo Foucault:

O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica”. (FOUCAULT, 1999, p. 181)

Nota-se, portanto, que o corpo da mulher deveria ser saudável e obedecer a padrões que a colocavam como uma perfeita dona de casa e exímia mãe e esposa. Assim, os almanaques que circulavam eram veículos disseminadores de uma ideologia patriarcal e serviam para educar essas mulheres através de conselhos sobre beleza, horóscopo e saúde. A ideia de mulher como “rainha do lar” mostra que a representação feminina da época se limitava apenas a assuntos relacionados aos conselhos sobre como ser uma boa esposa e boa mãe. Isso revela que não havia quaisquer discussões relacionadas à política, ou mesmo questões econômicas ou sociais, transmitindo, dessa forma, a ideologia dominante de que o mundo feminino era regido apenas por esses assuntos sobre o comportamento feminino, colocando-a exclusivamente na esfera doméstica.

O corpo feminino como corpo ideológico, simbólico, discursivo, inserido na historicidade, se constitui, portanto, como um corpo controlado, que necessita ser corrigido, medicalizado, necessitando de um produto que o constitua como um corpo saudável. O discurso publicitário, pronto para disseminar as regras dos controles corporais, trata de difundir esse medicamento a fim de moldar esse corpo. Assim, afirmamos que retomando a memória discursiva sobre a mulher, esse corpo feminino passa a ocupar um lugar que lhe é permitido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad. de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969].

BAALBAKI, Angela; CALDAS, Beatriz. Almanques de farmácia no Brasil: discursos sobre corpo e saúde. *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, p. 131-49, jan./jun. Rio Grande do Sul, 2018.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – Fatos e Mitos*. Trad. de Sergio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. 368p. (Letras – Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Pontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baetta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LACAN, Jacques-Marie. *O simbólico, o imaginário e o real*. In: _____. *Nomes do Pai*. Trad. de André. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 11-53

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. Trad. de Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso – Princípios e Procedimentos*. 12. ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 8. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2007.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. A Análise do Discurso: algumas observações. *Delta*, v. 2, n. 1, p. 105-26, São Paulo, fev. 1986.

_____. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Em Aberto, ano 14, n. 61, Brasília, jan./mar. 1994.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014.